ANNO VIII TERÇA-FEIRA, 13 DE OUTUBRO DE 1868 N.º 797

O DISTRICTO DE AVEIRO

PREÇOS
ASSIGNATURA SEM ESTAMPILHA
Anno 3:200=Semestre 1:600=Trimestre 850 rs.
Cada numero avulso . . . . 40 rs.

Publica-se regularmente ás terças e sextas-feiras de tarde.
Edição supplementar em dias indeterminados.
Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração—Rua da Fabrica—Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador estampilhada. — Os escriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos. — As assignaturas são pagas adiantadas.

PREÇOS
ASSIGNATURA COM ESTAMPILHA
Anno 3:800=Semestre 1:900=Trimestre 1:000
Annuncios e correspondencias, por linha 20 rs

MUSEU AVEIRO

Politica interna

BOLETIM

Não se encontra nos ultimos numeros do *Diario* uma unica providencia governativa que mereça ser mencionada n'este logar com interesse para os leitores.

CHAMAMENTO DA RESERVA

As complicações que se receiam da recente revolução em Hespanha, teem dado incremento á ideia que ha certo tempo a esta parte voga em um grande numero de espiritos da necessidade de fortificar as nossas praças de guerra, e de dar ao paiz uma especie de organisação militar. E' no exercito que principalmente tem tido desenvolvimento esta ideia; mas fóra d'esse centro, em que natural é que mais attenção se preste as cousas militares, é forçoso confessar que muita gente actualmente a perfilha e apregoa.

Fallou-se primeiro da fortificação de Lisboa, velho e tenaz proposito do sr. marquez de Sá; alguma cousa se conseguiu n'este sentido, porque foram votados cem contos de réis para dar principio ás obras: tentou-se depois fortificar outros pontos do reino, considerados estrategicos; e effectivamente foram ordenados os estudos para o reconhecimento d'elles: mais tarde procurou-se prover os arsenaes de novos armamentos, e foi já contratado o fornecimento d'alguns milhares de espingardas de moderno systema; agora é d'alguma cousa mais importante que se trata: é do chamamento da reserva.

A fortificação de Lisboa seria uma providencia muito louvavel se não fôra a escassez dos nossos recursos Todas as capitaes devem estar preparadas para repellir um ataque imprevisto, e por isso mesmo que são a séde dos governos, devem merecer d'elles os mais sollicitos cuidados. Além d'isso, sendo Lisboa tão susceptivel de defeza, na opinião dos competentes, havia todas as razões para a fortificar — todas excepto uma; a pobresa do nosso thesouro. Antes de pensarmos em nos garantirmos d'invasões estranhas, deviamos previnir a ruina interna, que é a peor de todas as invasões.

O estudo dos pontos estrategicos, e a compra de armamentos novos, e em harmonia com os ultimos aperfeiçoamentos da arte da guerra, são medidas, não diremos de grande alcance, mas uteis, e por modo algum credoras de censura ou reprovação justa. Não è tão dispendiosa a compra d'armamentos que com ella se arruine o paiz, e é conveniente estar ao menos prevenido para armar o povo quando o nosso infortunio nos obrigue a defender com as armas na mão a terra em que nascemos. O reconhecimento dos pontos que podem servir á defesa do paiz, é evidentemente a mais barata de todas as prevenções, e a mais indispensavel em caso de guerra.

Por ourto modo devemos encarar a providencia para que actualmente se appella: o chamamento da reserva. Esta tem resultados mais extensos, e dá logar a uma ordem de considerações inteiramente diversas.

Obrigar a pegarem novamente em armas aquelles que já concorreram com o seu contingente para a segurança e tranquillidade do estado, é uma violencia que só extraordinarias circumstancias devem desculpar. E' preciso advertir que d'esse modo se rouba á agricultura e ás artes uma grande quantidade de braços, duplicando ao mesmo tempo o imposto pago por um certo numero de cidadãos. Existem porém circumstancias tão poderosas que tornem necessaria esta medida? Entendemos que não.

A Hespanha está revolucionada, mas ainda não tomou actitude hostil, nem sequer ainda manifestou tenções, que possamos presumir aggressivas. E' indubitavel que muitos dos seus filhos formam votos pela união iberica. Mas como? Por meio de conquista? Não cremos que os nossos visinhos, apesar do seu genio atreito a exagerações, concebam tamanha opinião de si que queiram conquistar-nos á força d'armas. Nós somos pequenos, e pobres de forças, mas (dil-o algures Thiers) um povo que ama a sua independencia não se deixa conquistar.

Se voltamos os olhos para a Europa, vemol-a enredada em tantas questões d'alta magnitude que não é crivel que ella queira tomar mais uma sobre si, encarregando-se de forçar a vontade d'um povo livre, e propondo-se a entregal-o algemado e violentado nos braços d'outra nação. Seremos dos menos prespicazes, talvez; mas não podemos convencer-nos que emquanto Portugal permanecer no firme proposito de conservar a sua autonomia, a Hespanha se proponha a aggremiar-nos. Mais receio temos nós de nós mesmos; por que o que hoje não é partido, nem se quer facção, e não passa de sonho isolado d'alguns ambiciosos, póde um dia crescer, e assumir proporções, e, levantando-se, asoassoberbar hoje o immenso partido nacional pela ideia deslumbrante de que somos pequenos como portuguezes, e seremos grandes como ibericos.

Fundamentou alguem o chamamento da reserva na necessidade de tornar armada a nossa neutralidade no caso de guerra europeia. Concedamos por um momento plausibilidade a esta rasão. Mas onde está essa guerra europeia? Receia-se, mostra-se eminente, sem duvida; mas prepararmos já para essa contingencia tomando medidas de immediata execução, figura-se-nos demasiada previdencia. Ou os nossos politicos vêem longe nos futuros destinos da Europa, ou são como a opinião vulgar quer que sejam os cegos de Lisboa.

N'esta questão de neutralidade armada, nós esposamos á opinião que o senador Battaglia sustentou com relação á neutralidade armada da republica veneziana, na occasião em que o vencedor de Castiglioni invadiu a alta Italia, em 1796. Não ha possibilidade de um povo pequeno e destituido de recursos militares, conservar a sua neutralidade desde que pretende sustental-a pela força. Se essa força não póde tornar-se respeitada, os eventos da guerra obrigatoriamente o levam mais tarde ou mais cedo a comprometter-se com uma das partes belligerantes, senão com ambas. E desde então torna-se desgraçadissima a sua posição. Podem citar-se muitos factos em abono d'esta opinião.

Mas o lado porque ainda se nos torna mais repugnante o chamamento da reserva é pela manifesta injustiça que revela da parte dos nossos governos. Pois ha de ir exigir-se novo sacrificio d'aquelles que concluiram já os seus annos de serviço quando existe uma divida de muitos milhares de recrutas dos annos antecedentes! Querem augmentar o número das praças de pret? Obriguem todos os concelhos a preencher os seus contingentes. Ponham termo ao compadrio dos tribunaes e auctoridades administrativas. Não admittam desculpas nem pretextos frivolos.

N'este paiz, porém, tudo corre assim. Os que são promptos em cumprir as suas obrigações, em pagar os seus impostos, são sempre os mais desfavorecidos. Para obter as graças e complacencias dos governos é necessario ser omisso no cumprimento de todos os deveres. Note-se a flagrante desigualdade: Obrigam-se os que já serviram a nação durante cinco annos a deixarem as suas occupações e labores para irem prestar novos serviços; e não se empregam os meios para que primeiro vão servir os que ainda não prestaram nenhum serviço ao seu paiz e andam fugidos ao cumprimento da lei! Não pregâmos a rebellião, nem aconselhâmos a ninguem a desobediencia aos poderes constidos; mas não podêmos negar que terão toda a rasão aquelles para queixar-se, e para recusar se a tal serviço, se d'elles o exigirem nas circumstancias presentes.

Supponos, porém, que o chamamento da reserva, como a organisação das guardas nacionaes, como tudo o que diz respeito ao armamento do paiz não passa de phantasia de cerebros escandecidos ou visionarios. Ninguem pensa, porventura, ou pelos menos não pensa seriamente, e nas altas regiões da governação do estado, n'estes apparatos bellicosos, que, nas nossas circumstancias, no meio da nossa pobresa, entre tantos cuidados e apprehensões d'outra ordem, tem o quer que é de tristemente rediculo.

Não é pela força das armas que actualmente se defende um reino como Portugal: é pelo patriotismo dos seus filhos, pela circumspecção do seu governo, pela boa direcção dos seus negocios. Procure o governo antes atalhar aos males internos e presentes, que são certos, do que prevenir os estranhos e remotos, que são duvidosos e pouco provaveis. A nossa ruina brade antes provir dos erros da nossa administração do que dos ataques dos visinhos. Trate-se de melhorar esta primeiro, que é o verdadeiro modo de precapatarnos para todas as, eventualidades e deixe-se estar tranquilla a reserva militar; chame-se antes em nosso auxilio a reserva dos principios economicos, da prudencia e tino administrativo, que chegou a occasião de toda ella ser precisa para nos salvar do abysmo.

Foi restituido ao logar de administrador do concelho de Cambra o sr. José Gomes d'Almeida, que fôra demittido pelo sr. Godinho quando esteve servindo de governador civil.

Temos a este respeito muito que conversar com o sr. Godinho, mas não o faremos hoje, porque nos consta que foi a Lisboa entender-se sobre o assumpto com o sr. ministro do reino, e não costumâmos procurar quem não está em casa, nem arguir ninguem na ausencia.

AO PAIZ E AOS EXM.os MINISTROS DA JUSTIÇA E REINO

O julgado d'Abergaria a Velha é apontado, como o mais immoral e escandaloso do districto d'Aveiro; nós, porém, vamos mais longe, sem receio de desmentido asseveramos que é o mais immoral e escandaloso de todo o paiz.

A maior parte d'esses escandalos e dessas immoralidades são imputadas a um funccionario publico, que é tido e reputado por um *falsificador*, *um aliciador de testemunhas, um devasso, um corrupto, um corruptor, um immoral, um prevaricador*, finalmente, é reputado e tido por um *ladrão publico*!

O funccionario a que alludimos é o *célebre e bem conhecido* escrivão José dos Santos Sousa. Devia este funccionario, se n'este paiz se respeitasse mais a moralidade e a justiça, occupar, de ha muitos annos, os nossos presidios d'Africa, ainda que os não suppomos sufficientes para a expiação dos crimes que se attribuem a tão indigno, como devasso empregado; porém a protecção indecente, que lhe tem dispensado certos *personagens*, tem obstado a isso e permittido ao accusado uma vida regalada.

A immoralidade em Albergaria de dia para dia caminha desaffrontada. Ainda não ha muito tempo se organisou ali uma companhia de *olho vivo*, e aponta-se como membro d'ella o actual administrador, Joaquim Antonio d'Almeida Miranda!!!

Aos ex.mos ministros do reino e justiça, em nome da moral publica e em nome dos opprimidos, pedimos providencias e providencias promptas e energicas, mas não se conte para isso com o actual juiz da comarca Joaquim José da Motta.

Hoje o escrivão José dos Santos Sousa: ámanhã os seus miseraveis protectores.

Aos tribunaes para recebermos o vil ferrete de calumniador, ou para acabarmos de confundir o nosso *heroe*. * * *

(Segue o reconhecimento.)

ARMAMENTO E DEFENSÃO DO PAIZ

XIII

Temos até hoje tratado da defensa sob o ponto de vista estrategico, attendendo não só ás forças do paiz, senão tambem ás considerações topographicas do terreno. Mostrámos a necessidade imprescriptivel de fortificar Tancos, Santarém, Peniche e Sobral de Monte-Agraço, pontos estrategicos de altissima importancia, e sobre cujas excellencias fôra possivel discretear e apresentar sabenças, que julgamos mais opportuno callar completamente.

Tornámos bem claro e patente que, dado o caso de podermos reunir em volta de Lisboa uns 70:000 homens, pouco mais ou pouco menos, as linhas de Torres-Vedras, e as de Sacavem eram as que deviam ser occupadas, e que todos e quaesquer alvitres, que não fossem estes, seriam porventura sustentaveis á luz da sciencia; mas nunca os seus auctores lograriam vêl-os realisados com prospera fortuna, porque sem aquella força a defensa de Lisboa redundaria n'um impossivel estreme e superior aos mais especiosos e mirificos raciocinios, porque, infelizmente, os reinos e as cidades não se defendem com dialecticas e argucias.

Não esquecemos accrescentar que a linha da serra de Monsanto, com as extensas e ruinosas obras planeadas e começadas, e bem assim o denominado circuito de 1833, são meras superfluidades, que bem pódem vir a ser nocivas, porquanto se o inimigo occupasse um ponto da crista de Monsanto, bastava-lhe possuir artilheria de não mui superior calibre, para arrazar Lisboa e dominar completamente o entrincheiramento interior.

Tanto isto é assim, que os engenheiros que andaram nos estudos da segunda linha (serra de Monsanto), quasi que foram dispor as suas obras a cavalleiro das da primeira linha (Sacavem a Caxias), não havendo entre as duas uma distancia superior a tiro de pedrada.

Não sabemos se no projecto de defeza de Lisboa quer ou quiz alguem empregar os fundibularios, em vez de soldados armados com espingardas modernas; não sabemos se houve pessoa assás conspicua e crendeira para aguardar a repetição do combate de El-Rei David com o gigante Golias.

O mau é que os milagres não se repetem, e o santo psalmista não é já do nosso tempo.

Considerando, pois, no que talvez mui diffusamente haviamos apresentado, e sobretudo na facilidade de defender o flanco direito da linha de Sacavem até ás alturas da Luz, tivemos por melhor, ou antes, julgamos que nenhuma outra coisa se nos antolhava, senão aproveitar esta linha como circuito interior e continuo, e a linha de Torres-Vedras como posições avantadas devidamente fortalecidas pela arte.

Esta a conclusão do nosso trabalho,

Folhetim

A VIDA NA ALDEIA

Aos que vivem nos grandes centros de população, aos que se vêem habituados ao lidar turbulento das cidades, aos que se sentem nauseados com o reboliço das distracções quasi sem numero que as cidades offerecem, concedo que chegue, ás vezes, a ser desafogo a vida na aldeia.

Mais ainda; a esses que gosam das cidades populosas o que n'ellas ha de melhor, que — não raro — se familiarisam com o que n'ellas existe de peor, tornar-se-ha apetecivel, necessaria até a transição para a aldeia na hypothese de chegar a ser conforto para o espirito oppresso no grande mundo com o pesadello de uma agitação tumultuaria.

Para esses taes ser a aldeia imaginada qual oasis no deserto, qual maná cahido do céo e espalhado na terra, qual pharol após densa escuridão, qual porto benefico em seguida a catastrophe eminente. Assim concebida a aldeia, quem não desejará viver n'ella?

Que importa trocar as ruas bem calçadas da cidade pelas azinhagas e caminhos tortuosos da aldeia, os palacios cheios de commodos d'aquella pelas casas mal construidas e desconfortadas d'esta, o borborinho dos transeuntes da cidade pelo compassado caminhar dos aldeãos, as diversões theatraes pela unica distracção da natureza campestre, o goso emfim de mil regalias que a cidade offerece, se aqui, se na aldeia, ha o socego completo do espirito, a paz tranquilla da consciencia, o afastamento do bulicio, da agitação febril, de todas os dias, da cidade?!

Mas a vida da aldeia, no dizer de Julio Diniz, o festejado auctor das *Pupillas* e da *Familia de Inglezes*, é uma vida de mexericos e maledicencias velhacas, praga maldita das terras pequenas, onde faltam cousas serias em que pensar! Que importa isso, uma vez que não se dê ouvidos á murmuração, e não se attenda á meledicencia?! . . . .

. . . .

Não vão julgar agora por tudo o que ahi fica dito que eu sou louco pela vida da aldeia, eu que tenho vivido sempre em uma terra cheia de movimento, como Lisboa, em que até aqui vinha á aldeia de visita e quasi nunca levava saudades!... Não senhor; a vida na aldeia tem suas lindezas, tem seus attractivos, terá mesmo suas conveniencias, mas é muito circumscripta. Acabe-se hoje de ver um casal, visite se ámanhã uma quinta mal cuidada, veja-se além o progresso de uma arvore, prove-se um fructo bem creado, entretenha-se a gente depois com a vivenda do visinho, falle-lhe na reproducção do seu gado, pergunte-lhe pelo adiantamento — quantas vezes pelo atrazo se lhe devêra perguntar! — das obras de uma casa, começada ha vinte annos, levante-se um dia de madrugada para ouvir soprar a brisa da manhã nos rozaes pouco floridos de algum jardim em perspectiva, ouça uma vez os melodiosos sons do rouxinol do olmeiro, á borda de qualquer regato assista ao fugir das aguas, bafeje ainda o perfume do cair da tarde de um dia bello do estio, procure depois a soledade de um campo onde a verdura murmure no chão, conclua a gente por discutir com o visinho mais proximo a vida do visinho do lado, o que faz, e o que tenciona fazer, e ter-se-ha formado ideia da vida na aldeia!

Ah! ainda me esqueceu fallar na caça, divertimento bastante apreciavel para muita gente de boa nota, e que, na aldeia, entra no numero das primeiras distracções. Com effeito, dizem os caçadores, nada ha mais bello do que ver correr os cães atraz de uma lebre, nada mais hygienico e entretedor do que andar de espingarda ao hombro á busca de perdiz que ha de apparecer quando bem quizer!

E aqui temos a vida na aldeia altamente hygienica, e sobremaneira socegada!

Morre-se por vezes de aborrecimento? Mas o quanto vale a paz do espirito que por cá se desfructa? Mas que valor não tem a innocencia dos trabalhos do campo, e a convivencia singella com os aldeãos?

Tudo isto é impagavel, no dizer dos fervorosos amadores da aldeia, de mal com a cidade, porque se enfastiaram um dia da vida agitada em que lá se anda!

No verão, por exemplo, quando se tem a fortuna de estar em uma localidade, como esta que me acho, onde superabundam as festas aldeans, e onde ha boa gente para conviver, ainda a aldeia póde supportar-se. Mas ao chegar da estação invernosa, quando,

L'hiver est arrivé : les fleurs s'en vont; la piaine
Où naguères fleurissait la rose, la verveine;
Où parmi le feuillage gasouillait l'oiseau
En voletant joyeux de coteau en coteau,

ai! como é triste então a aldeia, como é fastidiosa a vida n'ella!

E ainda ha sugeitinho que esfrega as mãos, e diz gosto do inverno!

Isto mesmo diziam os miseros que morreram afogados no lago de *Regent's Park.* Gostavam do inverno e dos seus prazeres. E eis senão quando muda-se a festa em funeral e quarenta e dois cadaveres ficam sepultados debaixo de uma espessa camada de neve.

Ora vejam um quadro sombrio do melancolico inverno, e mais era em Londres, que na aldeia seria a calamidade muito mais funesta!

Eu declaro-lhes, leitores, que detesto o inverno. Não me posso familiarisar de modo algum com o *cachenez* e com o chapeu de chuva sempre aberto. Mas, ainda que me familiarisasse com o emprego de taes objectos, preservativos do frio e da chuva, de nada me valia isso, porque na aldeia ha occasiões em que é impossivel sair de casa, tanto a lama que vae pelas estradas e a agua que consegue inundar os campos! Se ao menos nos fosse permittido navegar em uma peguena canôa, mas qual! Na aldeia conhecem-se por canôas tão sómente os tamancos, creio que contemporaneos de .... Adão e Eva!

Já podem fazer uma pequena ideia do que é a vida da aldeia na estação invernosa, nos dias de grossas chuvas, muito vento e insopportavel frio. Emquanto que os habitantes da cidade estão ouvindo as Marchisios, e assistindo aos disparates da *Flor de Chá*, contentamo-nos nós, os *habitués* da aldeia, em comer e dormir, contando nos intervallos as taboas do tecto da casa que habitamos, e lendo por desfastio alguma obra socialista e de valor litterario, na falta dos artigos monstros da imaginação, mas pygmeus na ideia de um moderno publicista que se estreou ha pouco com reboliço na politica pequenina do nosso paiz!

E vivemos socegados, não ha dúvida. Se não foram os acontecimentos de Hespanha nada moveria a curiosidade do nosso espirito. E' que hoje, pelo telegrapho e pelo caminho de ferro, ambos symbolisando progresso e civilisação, já á aldeia chegam as noticias do que vae por esse mundo que marcha, aperfeiçôa-se, revoluciona-se e regenera-se! Valha-nos ao menos essa ideia para nos persuadirmos — com fundamento ou sem elle — de que a aldeia prospéra!

Outubro 4 de 1868.

ALBANO COUTINHO JUNIOR.

e por felizes nos daremos se logrARMOS convencer os mais remissos e antojados.

Ha todavia algumas considerações importantes e momentosas, que convem fazer sem maior detença.

O vapor e a electricidade, que teem sido tão poderosa alavanca e instrumento tão fecundo do progresso e civilisação, são inexgotavel e não menos potente meio de aperfeiçoamento das coisas da guerra.

O defender e atacar, esses dois problemas inversos, que constituem de per si a arte da guerra, receberão incalculavel augmento e superior perfeição, quando o vapor e a electricidade lhes derem tudo o que podem e hão de necessariamente vir a dar.

Longe de nós o intuito de rastrear aqui, ainda de leve e perfunctoriamente, o muito que já se ha feito durante os ultimos annos.

Apenas nos adstringimos a lembrar a necessidade de aproveitar, no limite das nossas forças, aquelles dois fecundos e poderosos agentes com relação á defeza do paiz.

E' sabido, e por vezes o havemos dito já, que o caminho de ferro marginal do Tejo foi um erro estrategico, ainda quando não nos fosse nocivo, não nos presta serviço algum.

E' pois urgente, conforme muito avisadamente lembrou já o sr. marquez de Sá, em um proficiente opusculo escripto ha pouco, a construcção de um caminho de ferro interior, que partindo de um ponto elevado da cidade, se entranhe pelas gargantas e desfiladeiros, communique entre si os extremos das linhas, chegue pouco mais ou menos a Mafra, e afinal corra á beira-mar até Peniche.

Este caminho de ferro é altamente estrategico :

1.º Porque com menos forças é possivel guarnecer a linha mais seguramente, e acudir com reforços e levas aonde o inimigo intente penetrar e investir ;

2.º Porque evita facilmente o desembarque de tropas em qualquer angra mais favoravel da costa.

Este caminho de ferro deve entrar-se quanto possivel, para que d'elle ressurtam todas as vantagens, o que não é difficil por isso que as modernas locomotivas de Crampton de rodas conjugadas permittem grandes declives e curvaturas.

O que dizemos do caminho de ferro podemos applicar a uma boa rede de telegraphos electricos, que ponham em immediata e facil communicação todos os pontos das linhas e as reservas, que hajam de soccorrel-os.

E já que tocámos n'este ponto, não nos forraremos ao desejo de lembrar a creação do material telegraphico de guerra, porque as vantagens alcançadas ultimamente pela Prussia são devidas tambem ao emprego da electricidade.

Não queremos que se gastem immediatamente quantiosas sommas. Bastaria um ensaio, para ir amestrando o pessoaes.

Os inglezes crearam em 1810 um corpo de maritimos, cujas funcções consistiam em fazer os signaes assim de dia como de noite.

Hoje não ha um só exercito que não possua telegraphistas e sobretudo amplo e excellente material.

A' medida que o exercito se move em operação, vae deixando um fio electrico, pelo qual communica e corresponde com a rectaguarda e com as reservas.

Quando os corpos de exercito marcham em estradas parallelas ou convergentes vão-se communicando constantemente, para se soccorrerem em caso de necessidade.

Mas não bastam o caminho de ferro e a electricidade.

E' forçoso ainda construir boas estradas, perfeitamente enfiadas e varridas pela artilheria, que liguem as obras, e facilitem os transportes do pessoal e material.

Tanto que não se faça o que deixamos recommendado, a defensa será incompleta e muito falha.

Quem houver seguido attentamente a serie de alvitres, que havemos proposto e sujeitado ao exame dos entendidos, julgará que poucos ou quasi nenhuns são os recursos do paiz para o defender, e que todo o dinheiro será insufficientemente para pôr a coberto a capital e livrar o reino da por emquanto facilima invasão.

Tantas, tão numerosas e principalmente tão despendiosas são as obras, dirão alguns leitores timoratos e receiosos da hydra de cem boccas, da terrivel cabeça de Medusa, denominada *deficit* no estylo chato dos *financeiros* ; tão avultadas serão as sommas, que houvermos de gastar, que o paiz ficará exhausto,anemico, rachitico, e morrerá de marasmo e turpor, antes de ser atacado.

Exageradissimas hyperboles são essas, e das mais ruins e damninhas, e porque todos lhes deram ouvidos, é que chegámos ao miserando e indefezo estado, em que, por desgraça nossa, nos encontramos, com as fronteiras abertas, com o interior desarmado, sem exercito, sem reservas, sem armamentos, sem coisa que sirva para material ou elemento algum de resistencia, como se houvessemos de viver eternamente no reinado de Astrêa, da paz e da ventura elysiaca !

De ha vinte annos para cá temos andado a derrocar e desfazer de accinte tudo o que poderia rescender a uma escorva queimada ; e cerrando os olhos, não queremos descortinar as nuvens, prenhes de tormentas, que se peneiram ameaçadoras no firmamento das nações pequenas !

Os nossos arcades andam a sonhar um iris de eterna bonança, e não ha acordal-os do dulcissimo sonho que os traz embalados.

Ora, sopesando bem as coisas, bom é desenganar os credulos leitores, de que fallámos ha pouco.

As fortificações que delineámos muito pela rama, são obras de pequenissimo dispendio.

Tanto que o exercito activo ascenda a um numero de 25:000 praças, em pé de paz, que é o menos com que podemos contar, devemos começar as obras, obrigando seis mil soldados a trabalhar permanentemente por turnos. O trabalho d'estes soldados consiste nas grandes remoções de terras, na abertura de fossos, no enchimento das trincheiras, no revestimento e consolidação dos alambores ou taludes, na feitura das estradas, etc.

Com o rancho certo, com um fardamento adequado, pago pelo estado, e com uma pequena gratificação ou etape, em cinco annos, quando muito, teriam construido todas as obras, porque o aperfeiçoamento d'ellas, o acabado, ou ultima demão, como se diz vulgarmente, a abertura de canhoneiras e outras minudencias, aliás importantissimas, tudo seria feito a pouco e pouco por artifices amestrados, tambem militares.

Vê-se pois que a mão de obra sairia baratissima, porque, diga-se ainda uma vez, o soldado, que é pessimo trabalhador em obras civis, apesar de Michel Chevalier, torna-se obreiro excellente na construcção de obras militares. Porque ? Seria longo demonstral-o... O facto é verdadeiro, e tanto nos basta.

Em relação ao material, não é somenos a barateza.

Nas obras propostas não empregamos senão terra nos parapeitos, com ou sem revestimentos, os quaes serão de relvado. Os fundamentos das massas cubridoras serão de pedra branca e desaffeiçoada.

As blindas ou couraças são formadas de tabuões cobertos de terra. Abobadas, casas matas, cupulas de ferro, todas essas obras dispendiosas, que arrastam as nações mais ricas, serão quasi prescriptas e só raro se empregarão.

Resta pois o artilhamento, e d'esse fallaremos mais adiante.

Podemos, porém, dizer, desde já, que até esse não ha de carregar o nosso exiguo e minguado thesouro.

(Jornal do Commercio.)

Actos Officiaes

Ministerio dos negocios da marinha e ultramar

1.ª DIRECÇÃO

2.ª Repartição

Sendo presente a S. M. El-Rei o officio de 5 do corrente mez em que o conselheiro intendente da marinha do Porto expõe as duvidas que se lhe offerecem sobre a legalidade de fazer passar vistorias aos navios da marinha mercante fóra dos casos expressos nos artigos 1:293.º e 1:378.º do codigo commercial, e pondera fundamentadamente a necessidade de se adoptarem as providencias que reclama tão importante assumpto ;

Considerando que as vistorias aos navios de commercio têem por fim assegurar os legitimos interesses pela verificação de que os navios se acham em estado de navegar, e examinar se os mesmos navios poderão seguir a derrota que se propõem sem perigo para os tripulantes ;

Considerando que,se os interesses materiaes do commercio têem procuradores naturaes que solicitam as vistorias sempre que assim o julgam conveniente, o que foi regulado pela lei nos artigos supracitados do codigo commercial, não succede outro tanto aos tripulantes e passageiros de taes navios que podem ser victimas da ignorancia ou da leviandade e até da cubiça, se e policia maritima não regula, como deve, estes assumptos de ordem publica ;

Considerando finalmente que ao governo cumpre tomar as providencias de ordem publica, aconselhadas pela necessidade de acautelar, quanto possivel, as vidas dos individuos confiados á sua tutella ; e

Conformando-se com o parecer do conselheiro ajudante do procurador geral da corôa :

Ha por bem o mesmo augusto senhor mandar, pela secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar, que os intendentes de marinha, chefes dos departamentos maritimos, façam, no interesse publico, passar vistoria a todos os navios de commercio, sempre que por qualquer circumstancia suspeitarem do estado de taes navios, sem limitação alguma, visto que essas vistorias são do dominio da policia maritima.

Paço, em 7 de outubro de 1868. = *José Maria Latino Coelho.*

(«Diario» de 8 de outubro.)

Correspondencias

Sr. redactor.

Coimbra, 9 de outubro
de 1868.

Vi hoje, e com bastante satisfação, um communicado, publicado no jornal que v. tão dignamente redige, n.º 794 de 2 do corrente, em que se pede á ex.ma direcção geral dos telegraphos que seja eu novamente collocado n'essa cidade, como chefe da estação telegraphica.Ignoro quem seja o auctor do communicado alludido, mas seja elle quem fôr,faltaria,eu, ao mais sagrado dos deveres se não viesse publicamente testemunhar-lhe o meu eterno reconhecimento pelas provas de sympathia que acaba de dar-me, e assim a honra que me faz considerando-me um dos telegraphistas que melhor se tem ahi conduzido , tendo eu a consciencia de não ter feito mais do que cumprir, como pude, com os deveres que as leis impõem a qualquer empregado publico.

Agradeço infinitamente a lembrança do honrado cavalheiro, mas peço me permitta lhe diga que só acceitaria novamente o logar de que trata, se essa estação telegraphica fosse considerada, como precisa e devia sempre ser, de dia completo 7 horas da manhã ás 9 da noite já pela importancia de ser cabeça de districto e já pelo seu commercio, por causa do porto do mar que tem ; por que então teria dois empregados, não se tornando portanto tão pezado o serviço da mesma. Como está, acceitaria se a direcção assim o ordenasse, sou escravo das ordens superiores, quando ellas venham d'harmonia com as leis e regulamentos.

Rogo pois sr. redactor, se digne dar cabimento n'um cantinho do seu acreditado jornal a estas poucas e mal traçadas linhas, pelo que lhe ficará summamente grato quem tem a honra de se assignar

De v. etc.
Felix de Mira Neves.
Telegraphista

Temos ha dias em nosso poder para publicarmos a seguinte correspondencia, devidamente assignada e reconhecida, o que não temos até agora feito por falta de espaço.

Albergaria

Sr. redactor.

Reina n'esta terra a anarchia e campêa altiva a immoralidade.

Reune-se o administrador em conclave e ahi se decide a mais sanguinolenta guerra contra aquelles dos seus administrados, que se não querem submetter aos seus felinos intentos. E' substituida a verdade pela calumnia, a justiça pela arbitrariedade , o dever pelo capricho, a ordem pelo tumulto.

Reina a vingança; adulteram-se os actos para insultar as pessoas pacificas e amigas da ordem.

Nada d'isto nos surprende, porque é administrador n'este concelho o sr. Joaquim Antonio d'Almeida Miranda, e sesecretario geral em Aveiro o sr. Augusto Godinho ! ! !

Recommendamos ao exm.º ministro do reino estes *honestos empregados*, como modelos da incuria, do desleixo e da desordem, que alimentam n'este concelho.

O sr. secretario geral servindo de governador civil houve por bem dissolver a junta de parochia de Angeja para fazer eleger uma da sua facção e corrilho, digo facção e corrilho, porque s. ex.ª está filiado n'uma das facções e corrilhos, que aqui se debatem.

Effectivamente procedeu-se no dia 6 de setembro á eleição, andando dias antes o administrador d'este concelho de porta em porta, pedindo votos, em nome do seu chefe, para o triumpho de uma lista, que ambos conceberam, mas que deixaram na lama, porque os eleitores de Angeja mostraram mais uma vez a sua independencia e nenhuma adhesão á auctoridade, que se não sabe manter na altura do cargo , que exerce.

O administrador na vespera da eleição, vendo, que não podia angariar gente para levar á urna , serviu-se de um ardil indecente, mas proprio dos tartufos de Albergaria. Fingiu-se um *insulto nervoso* ao individuo que devia presidir á assembleia, e por cerca de onze horas do dia apparece um officio do *muito alto e respeitavel* administrador ao regedor de parochia , dando-lhe parte , que não havia eleição , em consequencia do tal *insulto nervoso* ! ! !

Isto se não é ridiculo, é sobremaneira caricato (!) ; só servindo de governador civil o sr. Godinho, de administrador o sr. Almeida Miranda, e de presidente da camara o sr. José Luiz, é que se podia inventar um pretexto d'esta ordem !

Que triumvirato ! Que tres imaginações tão fecundas ! Que homens para inventar as velas de cebo !

Os eleitores, que já sabiam da miseravel estrategia e que se achavam reunidos na egreja, ao ouvirem lêr o *famoso officio* do administrador soltaram uma stridente gargalhada ; mas não deixaram de satisfazer ao fim que ali os conduziu.

Effectivamente nomearam d'entre os eleitores presentes os mezarios, que a lei eleitoral manda em taes casos, e procederam á eleição com as formalidades legaes, servindo-se d'um caderno de recenseamento, que um eleitor apresentou.

Este facto desnorteou os poucos amigos, que a auctoridade ali tinha e começaram elles a insultar os eleitores da opposição, que no meio de toda a casta de insultos e desacatos se manteve com toda a cordura.

Appareceram punhaes e tesouras para afugentar a opposição,porém esta só abandonou o posto depois de consummado o acto da eleição.

Quer saber, sr. redactor, o que se passou depois de todas estas miserias ?

O administrador, vendo logrados todos os seus planos, levanta um auto de investigação contra os offendidos, e chama para depôr todos os aggressores e desordeiros, contra alguns dos quaes já ha procedimento criminal !...

Aqui tem, sr. redactor, como procede o administrador de Albergaria !

Isto é inaudito ! Mostra bem o estado de desmoralisação a que chegou o funccionalismo em Albergaria !

Sr. ministro do reino, conservar á frente do concelho de Albergaria uma auctoridade dos creditos e costumes do actual administrador, Joaquim Antonio de Almeida Miranda, é não ter consideração pela moral publica e pelo bem estar dos povos.

Providencias, sr. ministro, providencias promptas e energicas.

Fez-se a eleição, porém até hoje ainda os eleitos não tomaram posse, nem esta foi julgada nulla.

Sr. secretario geral, servindo de governador civil, a nação paga-lhe para administrar justiça, e não para praticar actos, que o codigo penal pune ; mais actividade e imparcial nos negocios publicos, do contrario vejo-me forçado a levar ao conhecimento do exm.º ministro do reino actos pouco edificantes da sua vida.

Pela inserção d'estas linhas no seu acreditado jornal, sr. redactor, se confessa muito agradecido o

De v. etc.

* * *

Communicados

PILULAS HOLLOWAY

Unguento Holloway. — As enfermidades da cutis, as impigens, o escorbuto, a ictericia , as escrophulas , as ulceras e as affecções de pelle mais inveteradas de que haja conhecimento no genero humano, desapparecem com o emprego das pilulas e unguento Holloway.

Os citados preparados exercem na constituição uma acção tão benefica e purificam o sangue tão completamente que as doenças acima mencionadas desapparecem.

Para tumores, queimaduras, inchaços glandolares , feridas ulcerosas, rheumatismo, rigidez de contracção das articulações etc. , etc. a acção das pilulas é tão doce como efficaz e as curas que por seu meio se obtem obtido não são superficiaes e temporaes mas completas e permanentes.

Idem. — Hydropisia e inchações de pernas. As hydropisias de todo o genero, ou sejam flatulentas, ou aquosas, provém, ou de achar-se obstruida a circulação do sangue por seus proprios vasos, ou por os vasos linfaticos , ou da inflammação d'algum dos orgãos secretorios.

Os remedios Holloway, cuja efficacia é impossivel exagerar, obram directamente sobre o sangue , operando sobre as secreções de modo, que a hydropisia , por inveterada que seja , não póde resistir por muito tempo ao seu effeito.

Elles regularisam o fluido do sangue por cada orgão, e purificam completamente este fluido vital, expulsando todo aquelle que seja morboso, ou prejudicial, e regenerando fundamentalmente todas as funcções.

Sem embargo , apesar da sua efficacia para produzir bem, são absolutamente incapazes de fazer o menor damno.

As medicinas Holloway não contém um só grão de mercurio, nem outra substancia alguma nociva, obrando inoffensiva e efficazmente. *

Exterior

— O periodico «France», em um artigo que intitula «Os principes desthronados» diz, commentando o desthronamento de Izabel de Bourbon, que a lista d'aquelles é já bastante extensa. Poderia formarse um livro mui instructivo e que seria digno da penna de um Tacito ou de um Gacihardin : seria a historia de todas essas soberanias destruidas , de todos esses thronos derrubados, com a exposição das causas tão diversas e complicadas que deram esse resultado.

O periodico «France», sem remontar a 1848, cujo abalo foi rapidamente seguido de uma reacção, cita as quédas successivas do grã-duque de Toscana, da duqueza de Parma, do duque de Modena , do rei de Napoles , do papa subsistindo pela força armada da França, do rei Othon na Grecia, do principe Coutza nos principados, do rei da Dinamarca, como duque do Schleswig-Holstein, da Dieta Germanica , da Austria , como potencia alemã , do rei do Hannover, do eleitor de Hesse, do duque de Nassau, da autonomia da cidade de Francfort. Dos membros da nova confederação, vinte e dois, comprehendendo-se n'este numero a Saxonia real , são governados por outra potencia. Só um, a Prussia, é poderoso e soberano. Do outro lado do Atlantico, o principe Maximiliano perdeu a vida com o sceptro imperial , e sua esposa perdeu a rasão.

O periodico «France» termina assim o seu artigo :

«Em presença de todas estas alterações, de todos estes exilios, commove-se o espirito. E' chegada a occasião de repetir como Bossuet : «Instrui-vos, vós, que governaes a terra.» E' impossivel que a repetição de factos d'aquella ordem não envolva grandes e terriveis lições. E' impossivel que não haja em taes factos , para todos, povos e governos , um motivo de serias meditações.

Em presença das transformações necessarias e fataes fica sempre uma grande parte para a previsão humana. Esta parte deve ser bem estudada. Porém se ha verdade na historia d'essas revoluções , é que hoje o reinar não é um privilegio , mas sim um encargo ; que o poder não é uma dignidade , mas sim uma missão ; que a irresponsabilidade soberana é palavra vã , e , por ultimo , que o animo dos povos, o dever de governar , é cada vez mais inseparavel do direito de reinar.»

— Um jornal de Londres diz que a abdicação da desterrada ex-rainha de Hespanha em seu filho o principe das Asturias estava dicidida, mas que o *bom* do sr. Marfori, e o *bondoso* e santo Claret tanto exhortaram a *fugitiva* soberana , que esta por fim teve que acceder e do melhor grado a tão austeros quanto nobres conselheiros.

— Um telegramma de Vienna d'Austria do dia 5, assegura que a conspiração ultimamente descoberta em Constantinopla, tendia a derribar do throno da Turquia o sultão, proclamando em seguida o herdeiro presumptivo Monrad Effendi.

O numero das prisões é immenso.

Variedades

EXPOSIÇÃO DO HAVRE

A exposição retrospectiva

Depois das cousas maritimas, que são o primeiro attractivo e rasão d'existencia d'esta exposição, é primeiro para os objectos d'arte, e depois para os artigos de industria que devemos dirigir a attenção.

A arte, com effeito, póde ser considerada; porque não ha fabricação que não se torne obra artistica trilhando no caminho do bom gosto, assim como tambem não ha objecto d'arte cujo primitivo destino seja absolutamente estranho ás exigencias usuaes da sua época originaria.

As admiraveis faianças que hoje se pagam a pezo d'ouro serviam nas mesas de nossos paes antes de enfeitarem as nossas *étagères*.

A oleria de cosinha e a baixela rustica foram as que serviram de ponto de partida ás mais ricas majolicas.

Artistas de primeira ordem, por exemplo os mais celebres pintores d'animaes e de paisagens de Hollanda não se despresavam de pintar desenhos originaes nos pratos e travessas vendidas aos componezes, como Mozart que, diz a tradição, pagava ás vezes a sua parte n'uma humilde taberna escrevendo n'um canto da meza alguns d'esses melodiosos *lieder* ou córos populares que ainda hoje cantam os aldeães allemães.

E' esta a razão porque se encontram grande quantidade de simples utencilios, que datam d'essas épocas amarcadas pelo cunho da arte, e reunindo os tres mais preciosos merecimentos para o mador, cunho d'antiguidade, interesse historico e valor artistico.

Desde que se começou a cuidar algum tanto d'essas curiosidades, comprehende-se facilmente o ardor apaixonado, o fanatismo dos colleccionadores.

Esta paixão principia, como todas as outras, por um gosto rasoavel e um desejo reflectido. Que mais intelligente occupação para o homem instruido do que estudar nos vestigios dos seculos passados, os costumes, usos e sentimentos de nossos maiores ? examinar a historia com a lente na mão? precisar a época d'um objecto por seu estylo, fórma e desenho ?

E depois, exercendo sua propria sagacidade, conseguem-se rectificar erros scientificos. Um chimico pretende que o esmalte stannifero, isto é contendo oxido d'estanho, que lhe dá opacidade, foi empregado na ceramica pela primeira vez pelo italiano Luca della Rubia ; um amador descobre esmalte stannifero em olerias arabes.

Outro colleccionador prova que o verniz impermiavel, que se suppunha datar do XIII seculo, era conhecido dos egypcios.

E' assim que do gosto á sciencia apenas dista um passo.

Desgraçadamente ha tambem um passo em falso; é o que torna o gosto em mania.

Ha duas especies de maniacos entre os colleccionadores: os nescios que pagam por preços fabulosos os objectos que cobiçam e se arruinam com objectos phantasticos; que comprariam a espada de Damocles, a aljava de Cupido, ou a lança de Achilles; e depois os malignos que, desejando um objecto precioso, procuram alcançal-o por todos os meios possiveis, algumas vezes por um cerco paciente, e outras por um assalto, conforme as conjecturas.

A este respeito prevalece certa indulgencia no mundo especial.

Rigorosos para com Memmius, que mandou queimar Corintho, certos colleccionadores desculpariam de boa vontade Verres, que gostava dos deuses bem esculpturados, e dizem que Cicero foi um pouco longe qualificando as suas acquisições como rapina e roubo. Em todos os tempos teem sido vendidas galerias, que não tinham outra origem senão as de Verres. Porém Cicero não teve successores.

Voltando á exposição onde felizmente não entraram maniacos, affirmamos que raras vezes se podem reunir na provincia tantas curiosidades archeologicas verdadeiramente notaveis no seu todo.

Os 6:000 objectos que o sr. conde Emmanuel de la Vallette soube agrupar, convidando os amadores do Havre, algumas galerias de Rouen e certas casas de Pariz, representam um valor d'alguns milhões.

Infelizmente o catalogo ainda não está coordenado. Ainda estão muitas etiquetas por collocar e grande quantidade das que ja estão postas foram ingenhosamente escondidas nas *vitrines* debaixo dos proprios objectos que designam.

Dá-se o mesmo caso que com a historia do mostrador do relogio d'egreja uma municipalidade mandara cobrir para proteger a douradura das horas. Para que servia o mostrador? E para que servem as etiquetas?

Emquanto esperamos esses complementos e rectificações minuciosas, apenas podemos, com receio d'errar, fallar do aspecto geral.

A ceramica occupa n'este muzeu um logar dos mais importantes. Entre as principaes *vitrines*, as dos srs. Marcel, Dutuit, Vinot, Malais, Beurdeley, Lelievre, Langevin, Bazan, Reynaud, Durand, Delaunay, Quesnel, Taron, Ochard, das sr.as Lebouteiller, Mosneron, Garcia, e muitas outras, não ha uma só que não encerre ricas amostras da industria de Rouen, Moustiers, Nevers, Delft e outras localidades que se distinguiram na *arte do fogo*, isto é na pintura a esmalte.

A predilecção que ha pelos mais frageis objectos d'arte é facil de explicar. Tendem pela sua mesma natureza a tornarem-se cada vez mais raros, e augmentam, por isso, em valor.

O abbade Cochet na introducção de sua *archeologia ceramica* e SEPULCHRAL(!!) diz que «a oleria é o mais precioso vestigio da passagem da humanidade na terra. D'este modo a ceramica parece o mais indispensavel de todos os conhecimentos archeologicos.»

O titulo da obra é extravagante, mas a observação do auctor é absolutamente verdadeira. No que diz respeito á faiança podeis acompanhar nas *vitrines* da exposição toda a historia do gosto artistico desde o XIV seculo.

Vereis obras de Bernardo de Palissy da época de Henrique IV; entre outras na exposição do sr. Dutuit, acha-se um magnifico prato representando o resgate d'Andromeda por Perseo. O semideus montando Pegaso desce do seu em soccorro da filha de Cassiope. Esta está accorrentada no seu rochedo, e junto d'ella sae do oceano um monstro marinho, horrivel, que o sr. Lennier pagaria por bom preço para o seu aquario. Esta peça de ceramica está em magnifio estado de conservação. Além d'isso ha um prejuizo, que os verdadeiros amadores não partilham, de acreditar que os estragos e as rebocadelas diminuem pouco o valor de uma peça.

Os Delft da exposição são numerosos e geralmente bellos, a maior parte monochromos, feitos de camafeu branco. Para os profanos, dizemos entre parenthesis, que esta expressão de camafeu, que d'antes significava uma peça gravada em relevo, como as pedras, emprega-se hoje para designar um desenho d'uma só côr, parda, preta, azul, verde ou vermelha.

Para os mesmos profanos, accrescentaremos que Delft é uma localidade de Hollanda, muito celebre na historia da oleria. Foi de Delft, onde esta industria fôra fundada por operarios allemães, e levada a um grau de perfeição inteiramente artistico, pelo bom gosto dos desenhos, dos ornatos, pela variedade das fórmas, leveza da massa, sonora e delgada como a porcelana fina das Indias, pela brancura do esmalte, abundancia de ornatos historicos, e finalmente pela collaboração de pintura de merito; foi de Delft, diziamos, que vieram os fundadores das fabricas francezas, em Flandres, Lille, Rouen, Moustiers, Clermont, Envers, etc.

Só em 1646 é que Poiret de Granval fundou a primeira fabrica de faianças de Rouen. Os Moustieres finos datam do meado do seculo XVIII.

Delft descaiu de seu antigo explendor. De 43 fabricas que tinha em 1850 resta-lhe *uma*, a das meninas Picard, que, descendentes d'antigos oleiros artisticos, nem por isso produzem menos horripilantes travessas de detestavel gosto.

Tivemos a honra de conhecer em Paris um celebre amador de faianças, o doutor Benoist, que morreu ha dois annos, deixando por herança a sua familia uma bellissima collecção, que formara pouco a pouco com rara intelligencia, em tempo em que ainda se não imaginava o valor que alcançariam um dia as velhas fainças. O doutor Benoist é o colleccionador que serviu de typo ao sr. de Chamfleur para o heroe de seu romance ceramico o «Violão de faiança». A sua collecção que pouco dinheiro custou ao seu possuido, porém muita paciencia e bom gosto, vendeu-se depois de sua morte, por 60,000 francos! Não continha nenhum violão de faiança, mas sim, entre outros objectos notaveis, uma bellissima corneta de caça. Era um d'esses instrumentos que fabricavam em Delft, e talvez n'outra parte (decidam esta questão outros mais eruditos que nós) os mestres modeladores, por occasião do casamento das filhas de seus patrões. A tradição dos «quatro violões de fança» conta que n'um dia de nupcias, quatro operarios modeladores, oleiros e torneiros abriram a dança cada um com um violão de faiança; outros levavam diversos instrumentos tambem de faiança e fabricados por elles. As esposas casadas com pintores ceramistas conservaram por muito tempo na sua familia, de geração em geração, estes «primores d'arte», que, mais tarde, se dispensaram como outras tantas reliquias. Os quatro violões do casamento tinham sido pintados pelos genros dos oleiros. Os nossos eruditos sabem em que collecções se encontram estes quatro instrumentos, que valem o seu peso em oiro.

A faianças mais modernas fazem-nos assistir ás modificações de estylo que teem havido desde o empolado de Luiz XIV, o «rococó» de Luiz XV, Pompadour e C.ª, carregado de missanga; o «rococó» Luiz XVI com suas grandes grinaldas, até ao genero do imperio, isto é o não-estylo, a decadencia absoluta de gosto.

Foi no reinado de Luiz XV que appareceu a famosa marca, chamada «à la corne»; as travessas, pratos, etc., d'aquella época tinham invariavelmente uma cornucopia uma borboleta. O desenho é puro, elegante, á maneira do Delft.

Ha tambem pratos d'aquella época e da mesma fabricação que teem uma borboleta e um cravo.

Na «vitrine» da sr.ª Bouteiller acha-se um prato muito notavel, pintado aos quadros, com firmas de cada lado, sobre fundo de «grillage»; data de 1730, antes de se usar a cornucopia.

Examinaremos proximamente algumas outras peças curiosas d'oleria, franceza, hollandeza, italiana, bem como alguns triptycos, e completaremos a revista do salão retrospectivo notando as tapeçarias, os quadros e os moveis antigos mais interessantes que o enriquecem.

Finalmente, depois de ter mostrado a arte antiga nas suas mais notaveis manifestações, veremos como se inspirou d'ellas a arte moderna, e se os nossos actuaes fabricantes, os Deck, os G. Servant, os Barbedieuxne, os Passerat, cujos productos se admiram n'outra parte da exposição, poderão fazer com que as suas obras sejam procuradas por nossos descendentes, como nós procuramos as dos nossos antepassados.

(*Jornal do Havre.*)

UMA RECORDAÇÃO

A M. D.

Ai! que vida tão cruel,
Que não me cede um momento
De completa placidez,
Sem que sinta o meu tormento!

Ai! meu pobre coração
E minh'alma pesarosa
Fogem-me com desespero
Para uma fada formosa!

E' uma joven esbelta,
Cujo rosto encantador
Magnetiza docemente,
Fazendo morrer d'amor.

……………………………

Que mau anjo te moveu,
Alva rosa de jasmim,
A baixares do teu ceu,
E vires olhar p'ra mim?...

Não sabes tu que não posso
Sincero corresponder
A teus olhares magneticos,
Que o norte fazem perder?...

Mas eu é que sou culpado,
Por nos olhos te mostrar
A affeição que te votei,
Devendo-a eu abafar.

E' justo qu' eu soffra só
As cruezas do mau fado,
E as agruras do destino,
Já que fui tão arrojado.

Mas, ah!... tu que és um anjo,
Transviado lá do ceu,
Arranca-me d'este inferno
Já que sou um mis'ro reu!...

Não te lembras d'essa noite,
Que assentado junto a ti
Por vezes triste scismei
E que por vezes sorri?

Oh! quem dera — a teu lado —
Sempre contemplando estar
Teus olhares fascinantes,
E surrizos de matar!

Mas, s'eu nasci para a dôr,
Ventura não posso ter:
Não existir melhor fôra...
Melhor fôra não nascer!...

Ai! nem sei que digo!... Adeus!
Adeus, astro tão formoso!...
Ampara-me em meu tormento,
Se por ti sou desditoso!...

29 de março de 68. J.

Um desengano

A' E. S. D. F. A. M.

Não creias em illusões;
Desengana-te, ó Armida,
Que se esconde serpe ascosa
Entre as flôres desta vida.

Não sejas assim tão credula
De affagos na exorbitancia;
Em promessas lisongeiras
D'um porvir, todo fragrancia.

Crê — é mentira tudo isso,
Com que se intenta algemar
Teu coração inexperto;
Mas depois vem o pezar.

Hasde, tendo pundonôr,
Do mundo a face esconder,
Desfeitas as illusões,
E sobrevindo o descrêr.

Oh! em quanto é tempo, foge!...
Que depois vem a tortura,
Quando um funesto labeu
Tisnar de teu rosto a alvura.

Foge, Armida! crê em mim
Que te fallo com candura,
Porque colhi desenganos
Do mundo na lida dura.

És um anjo, como creio:
Não queiras pois aviltar
O teu solio d'innocencia,
Em que reinas, sem pezar.

……………………………

Não creias em illusões;
Desengana-te, ó Armida,
Que se esconde serpe ascosa
Entre as flôres d'esta vida.

25 de maio de 1867. J.

Noticiario

Novas. — Lê-se no *Diario de Noticias*:

— Taborda foi convidado por Arderius para ir dar 12 representações em Hespanha, sendo — 4 em Barcellona — 4 em Sevilha — e 4 em Valencia.

— Os fogos de artificio que estavam preparados em S. Sebastião para o dia em que devia ter logar a entrevista de Isabel II com o imperador Napoleão, foram queimados na praça publica para solemnisar o triumpho da revolução.

— Partiu effectivamente hontem o batalhão de caçadores 2, para a escola de tira nas Vendas-Novas.

— Gutierres de Alba está escrevendo uma obra dramatica intulada = «Revista dos Bourbons» =.

— No parque de artilheria da praça de Valencia já se acham quarenta peças de artilheria de aço, das duzentas que o governo de Madrid comprara no estrangeiro, para o exercito hespanhol.

— Foi nomeada uma commissão composta dos srs. generaes Miranda, barão do Zezere, José Maria de Magalhães, Maldonado de Eça, e do coronel Francisco Xavier Lopes, e dos coroneis e tenentes coroneis dos corpos estacionados em Lisboa para que se reuna quanto antes na secretaria da guerra, e proponha o systema de fornecimento dos artigos de vestuario para o exercito, habilitando o governo a resolver este importante ramo de administração pela fórma mais conveniente e proveitosa.

— Pio IX n'uma carta dirigida aos protestantes e ás outras egrejas christãs dissidentes, a convidal-as para o concilio ecomenico, diz: = «D'esta união depende a salvação da sociedade christã. O mundo jámais gosará de uma paz verdadeira, em quanto se não houver reunido n'um só rebanho, guardado por um só pastor.»

— Houve em Tolosa uma explosão nas obras da canalisação das aguas, em que ficaram feridas 20 pessoas. Duas morreram pouco depois e as outras tiveram de soffrer dolorosas operações, amputando-se-lhes alguns membros. E' horrivel a descripção d'este triste acontecimento.

— Na casa da moeda de Sevilha estão sendo cunhadas moedas de ouro, com um novo escudo, em cujo centro se vê o leão de Castella, segurando nas garras uma bandeira hespanhola, na qual se lê a palavra = LIBERDADE.

— No arsenal do exercito espera-se de Inglaterra uma machina para fazer balas por compressão, e um apparelho completo para fabricar o chumbo cylindrico, proprio para a feitura das ditas balas.

— As condições economicas de Hespanha não são mais favoraveis que as nossas e ao contrario muito mais graves ainda. A sua despeza para o exercicio de 1868 excede a 121.000:000$000 rs. Sendo a sua população cerca de tres vezes maior que a nossa, os seus impostos não deviam ir além de 56.000:00$000 rs. na proporção dos que actualmente pesam sobre nós na importancia de 16.000:000$ rs. O seu excesso de despeza, e por consequencia de vexame para o povo, calcula-se em 65.000:000$000 rs. O seu deficit em 1866 era de 938.000:000$000 rs. actualmente deve ser muito maior.

— Foi descoberta a conspiração da sociedade «Joven Turquia» em Constantinopla, e presos os seus membros. Queriam derribar o sultão e proclamar Mourad Effendi.

— S. M. a Rainha a senhora D. Maria Pia andou ante-hontem passeando pela feira de Belem. Acompanhava sua S. M. o sr. visconde de Mossamedes. Era mais satisfatorio o parecer da augusta princeza, e o povo cortejava-a com respeito e mostras de sympathia e affecto.

— O conde de Girgenti vae para a França juntar-se a sua esposa que se acha em casa do conde de Aquila. O conde de Aquila, tio de sua alteza, pertence á familia do rei desthronado de Napoles e é casado com a irmã do imperador do Brasil D. Januaria Maria.

— A importancia dos vencimentos dos empregados publicos em actividade, á excepção do exercito, é de 3.376:000$ rs. ou 11:763$065 rs. por cada dia util; os domingos, dias sanctificados e feriados importam ao thesouro em 117:630$655 rs.

— O *Times* diz que o protesto da rainha D. Izabel não tem importancia e os ultimos bourbons de Hespanha farão bem em se submetter á sua sorte.

— O *Morning Herald*, de Londres, diz que alguns jornaes hespanhoes insultam a rainha desthornada sem se lembrarem que os que a desthronaram foram cumplices senão auctores, dos erros e crimes que n'ella reprehendem.

— Parece que hontem appareceram mais proclamações ibericas. *Fervet opus.* Não filará a policia um d'estes agitadores?

— Dizia-se hontem á noite que era bastante grave o estado de agitação em Madrid. O governo tomava serias precauções. Havia dessidencias no partido democratico.

— Foi trocada hontem, (10), a ratificação da convenção postal, concluida em maio ultimo, entre Portugal e a Belgica. Assignaram os respectivos protocolos o sr. ministro dos negocios estrangeiros, e o encarregado dos da Belgica em Lisboa.

Coincidencias notaveis. — Diz o mesmo jornal: — A 29 de setembro morreu Fernando VII, e foi proclamada Isabel II — a 29 de setembro é Isabel II desthronada — a 29 de setembro fôra a traição de Marotto. — A 30 fugia para França Carlos V — a 30 fugia Isabel II — S. Sebastião, onde a rainha perdeu a corôa, foi a cidade que outr'ora primeiro a proclamára.

Tentativa de assassinato contra a pessoa do vice-rei do Egypto. — (Idem.) Alexandria, 1 de outubro. — Passando o vice-rei do Egypto por uma das ruas estreitas do Cairo para ver as illuminações, tentaram assassinal-o deixando-lhe cair em cima uma bala de aço armada de pontas agudas. O projectil cahiu sobre a carruagem e não feriu, felizmente, o vice-rei.

Procede-se ás mais rigorosas indagações para descobrir o auctor d'esse horrivel attentado.

A' sua chegada a Alexandria, sua alteza foi felicitado pelos consules estrangeiros por haver escapado a essa tentativa.

— Ismail Pachá, vice-rei do Egypto, nasceu a 26 de novembro de 1815; é filho de Ibrahim Pachá e irmão de Said Pachá a quem succedeu em 18 de janeiro de 1863. E' o quinto vice-rei do Egypto.

Modas. — *Descripção de vestuarios para outono.*

1.º Vestido de baixo de tafetá côr de castanha, guarnecido de dois folhos, sendo o ultimo pregado na orla inferior do vestido; vestido de cima de «popeline» côr de castanha, guarnecido de uma fita e de uma franja; os panos de traz são apanhados com laços de fita côr de castanha, corpo afogado com cinto por cima; chapeu de rendas pretas.

2.º Vestido redondo de «alpaca» cinzento, guarnecido de um folho encimado de uma «ruche;» mantelete cruzando adiante de «cachemira» preta, chapeu redondo de palha escura.

3.º Vestido debaixo de «tafetá» de riscas roxas e pretas, vestido de cima de «tafetá» roxo com um folho aos machos encimado d'uma «ruche» recortada; romeira cruzando adiante, de fazenda egual ao vestido.

4.º Vestido para menina de onze annos, de «alpaca» côr de castanha, guarnecida de uma «ruche» de fita côr de castanha, formando do avental uma romeira redonda.

5.º Vestido para menina de dez annos. Saiote de «cachemira» azul com folhos aos machos; vestido de «cachemira» branca com tiras de «cachemira» azul.

6.º Vestido de setim côr de laranja escuro, os panos de diante são guarnecidos de um folho ligeiramente franzido, e posto na orla inferior; as extremidades do folho vão diminuindo, terminando o folho no começo da cauda, a qual não é guarnecida de folho; sobretudo de veludo preto, guarnecido de fita de setim preto; o sobretudo fórma uma especie de romeira do feitio de uma roseta, e é levantado por traz em camargo, e com um grande laço de fita, rodeado de um folho; chapeu de tulle azul com rendas da mesma côr.

7.º Vestido de setim de lã verde, guarnecido de um folho da largura de 30 centimetros, e encimado de uma «ruche» de seda recortada, da côr do vestido; tunica egual ao vestido guarnecido de uma «ruche,» e levantada nos lados por umas rosetas feitas com «ruches» dispostas em espiral; cinto com pontas de «ruches,» bolços guarnecidos de uma «ruche;» romeira guarnecida como o vestido, e com as pontas prezas no cinto; chapeu redondo de veludo preto, com um ramo de pennas de pavão.

Promenores. — Os promenores dos acontecimentos que precederam a revolução de Hespanha, dá-os o «Diario Popular» da fórma seguinte:

«Postos de accordo os generaes que estavam nas Canarias, com o general Prim, por meio de amigos zelozos, para levarem a cabo o movimento nacional, que a tyrannia do governo tornara indispensavel e urgente, saiu de Cadiz no dia 8 do passado, ás 10 horas da manhã, o vapor «Buena Ventura», capitão Lagier, na direcção das Canarias, ao passo que no dia 6 do mesmo mez sahira de Londres outro vapor inglez com o mesmo rumo, levando ambos os navios a seu bordo os mais intimos amivos do general Prim, com o empenho de trazerem á Peninsula os generaes Serrano, Dulce, Serrano Bedoya e Cabellero de Rodas.

O «Buena Ventura» levando a bordo D. Adelardo Lopez de Ayala, que com o desgraçado Vallin estivera trabalhando muito tempo para fretar um navio com que fossem buscar os generaes que se achavam nas Canarias, chegou a Orotava na madrugada de 11; como porém não estivesse ainda ali o general Serrano, Bedoya, foi mandado sair na manhã de 12, e não voltou a Orotava senão no dia 14, e á meia noite, arrostando com gravissimos perigos, poderam emfim embarcar os generaes duque da Torre, Serrano, Bedoya e Nouvilas.

No dia 15, ás 9 horas da noite, tocou o «Buena Ventura» nas Palmas, e ali, com menores riscos, embarcaram n'elle o general Caballero de Rodas, e Vallin, que fôra ás Canarias acompanhando a esposa do general Dulce. Este, cujo precario estado de saude não lhe permittia seguir os companheiros, despediu-se d'elles com as lagrimas nos olhos.

Entretanto, o general Prim saíra de Londres no vapor correio inglez, e chegava a Gibraltar no dia 16. No dia seguinte, precedido do vapor «Alegria», que devia annunciar a sua chegada, embarcava n'um pontão, e apoz poucos minutos chegava á bahia de Cadix, depois de se ter pronunciado a esquadra commandada pelo brigadeiro Topete.

Emquanto não chegassem os generaes todos não devia a esquadra declarar-se abertamente em opposição ao governo, mas as providencias adoptadas pelas auctoridades de Cadix para prender o brigadeiro Topete precipitaram o movimento, circumstancia que tornou muito opportuna a casual antecipação da chegada do general Prim.

Apenas acabava de chegar o navio que conduzia o general, logo o esplendor de quatro luzes, annunciou ao commandante do porto, o brigadeiro Topete, que se fizera o signal convencionado antecipadamente, para que saisse n'um vapor do estado a receber o general, como com effeito o fez no «Izabel II», que para esse fim estava preparado, e do qual o general Prim passou para bordo da fragata «Zaragoza».

Depois se passou o que os leitores sabem.

Boa madrasta. — Uma viuva que tinha um só filho casou-se com um viuvo que tinha tres. Todas as manhãs comprava ella tres pães para os tres entiados e nem um para o filho; mas nunca se esquecia de dizer em particular a cada um dos entiados:

— Olhae, meus filhos, o vosso irmão está sem pão: dae-lhe a metade do vosso... os entiados obedeciam-lhe promptamente; e desta sorte comia cada um d'elles meio pão e o filho da viuva pão e meio.

Ainda ! — O sr. Antunes, thesoureireiro do legado da freguezia da Vera-Cruz continúa a dar-se ao disfructe. Insiste em que não responde ás accusações que lhe fizemos, em quanto as não firmarmos com o nosso nome !

O sr. Antunes cuida que vem da Costa do Vallado dar ao mundo lições de dignidade, e impor á imprensa novas praxes, novos costumes ?

Saiba o sr. José Antunes que as accusações feitas pela redacção d'um jornal não precisam de serem firmadas por um nome para terem responsavel : a responsabilidade legal é do editor, a moral é da redacção, cuja entidade é sempre representada por um ou mais nomes.

Só um ignorante como o sr. Antunes ignora isto e chama anonymas ás accusações feitas pela redacção d'um jornal.

E não pretenda o sr. Antunes acobertar-se com o facto que se deu com o sr. Pinto Basto, que é muito diverso. S ex.ª foi arguido em um artigo estranho á redacção, e como tal publicado : não podia portanto assumir a redacção a responsabilidade do que não escrevêra.

Mas a accusação ao sr. Antunes é feita pela redacção do jornal ; é a redacção que a sustenta. Não julgue pois que póde escapar pela tangente; é tempo perdido. Já ninguem se engana com fanfarronadas.

O que o sr. José Antunes quer é escapar-se a responder á accusação ; porém outra vez aqui lh'a estampamos :

«O *Districto de Aveiro* accusa o sr. José Antunes d'Azevedo por ter emprestado alfaias pertencentes ao legado da freguezia da Vera Cruz, de que é thesoureiro, sem auctorisação da junta, e incorrendo nas mesmas censuras que dirigiu em tempo ao finado thesoureiro Martins.

O *Districto* provoca o mesmo sr. Antunes a chamal-o aos tribunaes, por que é ali que quer provar-lhe a verdade do que assevera.»

Ainda não terminamos sem dizer ao sr. José Antunes que quer certamente que nós morramos de riso. Ainda outra vez a fallar-nos nos seus serviços como homem publico ! Pelo amor de Deus ! Nós apenas nos recordamos de o ver presidindo á celebre meza eleitoral da Oliveirinha. Dizemos *celebre* pelas lagrimas que custou ao sr. Antunes, o qual andou pelas casas dos seus proprios adversarios, chorando como uma Madalena, para que o livrassem da cadeia.

Tambem será preciso um nome para asseverar a verdade d'isto ?

Não responda, sr. Antunes, não responda. Tudo são anonymos.

Chegada. — Chegou no sabbado ultimo a esta cidade, vindo da sua casa de Coruche para onde tinha ido d'aqui, em companhia de seu filho, o sr. D. José de Alarcão, actual governador civil n'este districto.

Suas excellencias foram esperados na estação do caminho de ferro por srs. secretario, empregados do governo civil e alguns cavalheiros.

Passagem. — Passou no sabbado ultimo n'esta cidade, pelo caminho de ferro, com direcção a Vianna do Minho o sr. José de Beiros com s. exm.ª familia tomar posse da administração d'aquelle districto, para onde foi ultimamente nomeado.

Correspondencia. — Na secção competente d'este jornal vae inserta uma correspondencia do sr. Felix de Mira Neves, telegraphista do governo em Coimbra, e que n'esta cidade d'Aveiro exerceu com muita dignidade e honradez o logar de chefe de estação dos telegraphos, em resposta a uma que inserimos no n.º 794, para as quaes chamâmos a attenção do sr. director geral dos telegraphos do reino.

Obito. — Falleceu, ha dias, na Costa de S. Jacintho uma sobrinha menor do sr. Joaquim de Sequeira Moreira, que elle muito presava. O cadaver foi conduzido para aqui em barco e seguiu depois em carruagem para o cimiterio.

Reintegração. — Foi reintegrado na administração do concelho de Macieira de Cambra o sr. dr. Jose Gomes d'Almeida.

Ainda não ha muito que a intriga e mexerico, manejado por um *personagem* d'este districto, riquissimo de taes *merecimentos* que altamente *o distinguem e innobrecem*, fervilhando perante o ministro Avila, conseguiu a demissão do sr. Gomes d'Almeida !

Entrou n'esta obra d'um *heroismo* de nova especie o *incomparavel* e nunca assás imitado e *enexcidivel* governador intrino do districto !

Que dirá agora elle e os que o levaram a dar um passo tão errado, sendo lançada por terra a stulta filaucia, leviandade e iniquidade ?

Poucos dias antes do governador intrino propôr a demissão do sr. Gomes de Almeida havia aquelle ameaçado com ella e por meio de ditos arrogantes, que s. s.ª respondeu em termos delicados, proprios da sua esmerada educação, mas energicos e expressivos, filhos de quem olhava para Godinhos como para creanças sem imputação, tornando a demissão mais um triumpho e gloria, do que uma injuria e offensa, attendendo á insignificancia do proponente.

O sr. Alves Martins, reintegrando o sr. Almeida, não só praticou um acto de inteira justiça, mas tambem deu uma exuberante prova da sua imparcialidade e que se não deixa influenciar com os mexericos e intrigas *do personagem*, a quem nos referimos, e que inaudita *preponderancia* alladea têr para com s. ex.ª rev.ᵐᵃ

Caso fortuito. — Na madrugada de sabbado p. p. deu se na Costa Nova do Prado um caso inexperado, que, por não trazer comsigo lamentaveis consequencias, como podia acontecer muito bem, teve sua graça. Eil-o :

A's 4 horas (era ainda noite) da manhã foram quasi todos os banhistas, que ali se acham a fazer uzo dos banhos de mar, para o banho por ser para esse fim a maré mais azada áquella hora, e, como é costume, armarem suas barracas, e uns despiram a roupa do uso para vestirem a do banho e outros se prepararam para isso ; aquelles se foram banhar e estes estavam já promptos para o mesmo fim. Mas de repente um grande corso de mar sobe até as barracas e as alimpa para si com quanta roupa n'ellas existia e algum dinheiro de que alguns banhistas se queixaram tinham nas algibeiras da sua roupa ! Todos no meio de grande alarido lamentavam a sua sorte, por que além de ficarem sem os seus vestidos, alguns dos quaes eram bons, tiveram de ir para os palheiros no estado de quasi nudez em que se achavam uns, outros molhados, e alguns nús por se acharem dentro das barracas para vestirem-se com roupa do banho.

Foi a Providencia que lhes castigou a imprudencia de irem de noite tomar banho. Sirva-lhes pois de exemplo.

Consta-nos que no mesmo dia e pelo mesmo motivo, morreram na Costa de Mira dois banhistas afogados.

Aljubarrota. — Recebemos o 1.º numero do excellente e bem elaborado jornal = Aljubarrota =, que principiou a publicar-se na capital, folha anti-iberica.

Publica-se todas as segundas-feiras, e constará das materias que apresentou o seu prospecto.

Desejâmos-lhe prósperas venturas e longa vida.

Publicação. — Acaba de sahir á luz a traducção, d'um romance do sr. Renté, intitulado *Ottilia*, lenda de uma alma triste.

E' uma historia singela, mas de convidativa leitura, e que o seu traductor, o sr. Francisco Maria Henriques de Carvalho soube verter com graça e naturalidade.

Recommendamol-a ás nossas leitoras, que decerto se sentirão agradavelmente impressionados lendo-o.

Balanço do movimento da Caixa Economica d'esta cidade no mez de setembro de 1868.

Entradas

Depositos recebidos	609$650
Letras idem	1:303$040
Juros idem.	117$350
Saldo do mez antecedente .	3:534$385
	5:624$425

Sahidas

Depositos restituidos. . . .	395$905
Emprestimos	1:798$125
Juros pagos	7$200
Saldo em caixa.	3:423$195
	5:624$425
Valor dos depositos a cargo da caixa em 30 de setembro	41:625$960
Valor das letras a receber existentes na mesma data	41:205$755

Escriptorio da Caixa Economica de Aveiro, 1 de outubro de 1868.

Pelo secretario,
GODINHO.

Tyrannia inaudita. — Antes do pronunciamento de Tuy a favor da revolução, duas creanças de 10 annos disseram : viva Prim. As auctoridades tiveram conhecimento d'isto e mandaram metter na cadeia os dois innocentes !

A tyrannia fazia-se representar por tyranno ; com os tyrannos arranjaram a revolução. O pronunciamento de toda a Hespanha foi obra da rainha e dos seus delegados.

Inundação em Parma. — Lê-se no «Patriota», de 22 de setembro :

A parte oeste da nossa cidade apresenta um quadro de desolação e ruina.

Havia cento e cincoenta e quatro annos, isto é, desde 22 de setembro de 1714, que não se tinha visto exemplo de similhante desastre.

Apoz dois dias de chuva, a torrente de Parma engrossou de modo que invadiu todas as ruas situadas a oeste.

Os armazens foram todos destruidos, apesar dos proprietarios terem intentado amparar-lhes fortemente as portas. Grande numero de predios ficaram inteiramente destruidos, ou muito arruinados. Os seus habitantes ficaram litteralmente reduzidos á mizeria ; perderam quanto possuiam.

O peor, comtudo, foi haver victimas, que são, pelo menos, dezoito.

Expediente. — O sr. José dos Santos Sousa remetteu-nos uma correspondencia, que não publicamos hoje por falta de espaço ; mas dar-lhe-mos publicidade no numero seguinte.

* * *

Manuel Celestino Emygdio não tendo podido despedir-se pessoalmente dos seus amigos antes da sua partida para a Comarca de Taboa, o faz por este meio, offerecendo a todos os seus serviços n'aquella villa.

Correio de Lisboa

Outubro, 12

As cousas em Hespanha vão correndo regularmente. Já a este respeito não ha a avidez de noticias, que se via e era d'esperar no principio e decurso da revolução, o espirito publico, porém ainda se interessa e interesserá por saber o que ali se passa, por que nem mesmo está na sua mão ser indifferente á nova organisação d'um paiz tão importante e tanto a paredes meias com o nosso. Saibam pois, os que ainda o ignoram, que já Hespanha tem governo constituido. Foi pela junta revolucionaria de Madrid incumbido de formar o ministerio o general duque de la Torre. O desempenho d'esta commissão consta do seguinte decreto :

«Em desempenho do encargo que a nação me confiou e fazendo uso das faculdades de que me acho revestido, nomeio, debaixo da minha presidencia, o seguinte governo provisorio :

Ministro da guerra, o tenente general D. Juan Prim, marquez de Castillejos.

Ministro de Estado, D. Juan Alvarez Lorenzana.

Ministro da graça e justiça, D. Antonio Romero Ortiz.

Ministro da marinha, o brigadeiro da armada D. Juan Topete.

Ministro da fazenda, D. Laureano Figuerola.

Ministro da governação, D. Práxedes Mateo Sagasta.

Ministro de Fomento, D. Manuel Ruiz Zorrilla.

Ministro do Ultramar, D. Adelardo Lopez de Ayala.

Madrid 8 de outubro de 1868. — O presidente do governo provisorio, o duque de la Torre.»

D'estes nove ministros comprehendendo o presidente, diz a «Epoca», quatro procedem do partido progressista, e os outros cinco da união liberal. A democracia não tem representantes no gabinete.

A folha official hespanhola publica a seguinte declaração de direitos feita pela junta superior revolucionaria de Madrid :

«A junta superior revolucionaria, fiel á sua elevada origem, faz a seguinte declaração de direitos :

Suffragio universal.

Liberdade de cultos.

Liberdade de ensino.

Liberdade de reunião e associação pacificas.

Liberdade da imprensa sem legislação especial.

Descentralisação administrativa que devolva a auctorisação aos municipios e ás provincias.

Julgamento por jurados em materia criminal.

Unidade de foro em todos os ramos da administração da justiça.

Inamobilidade judicial.

Madrid 8 de outubro de 1868 (Seguem-se as assignaturas da junta.)»

A junta completou estas declarações de direitos politicos manifestando votos pela abolição da pena de morte, liberdade individual, e inviolabilidade de domicilio e correspondencia.

Os jornaes descrevem minuciosamente a recepção do general Prim pelos habitantes de Madrid. Foi uma ovação enthusiastica deslumbrante, frenetica.

O secretario de Gonsalez Bravo foi gravemente ferido nas ruas pelo povo. O general Prim da sua varanda censurou este procedimento, e recommendou o esquecimento dos aggravos, desde que se evitou a necessidade de derramar sangue.

O marquez, de Novaliches, que como dissemos não falleceu, está, não obstante o mau estado de sua saude, a escrever a descripção da batalha d'Alcolea.

Parece que o conselho geral d'instrucção publica será com certeza extincto.

Em seu logar será nomeada uma junta composta de professores dos diversos graus d'instrucção publica que se reunirá em Lisboa uma vez por anno para ser ouvida sobre os negocios principaes d'instrucção.

Os engenheiros civis continuam oppondo barreira forte á reforma que estava prestes a ser decretada.

O governo resolveu restabelecer a escola de tiro nacional. Presidirá o sr. infante D. Augusto.

Parece que o partido realista pretende tomar uma posição saliente com respeito ao armamento popular.

Já diversas e importantes propostas tem sido feitas n'este sentido, mas por isso mesmo tem dado logar a desconfianças de que n'esses offerecimentos haja alguma intenção occulta.

Foi nomeado administrador do concelho de Cêa o sr. Antonio Hortencio Ferreira da Fonseca.

Outras nomeações de administradores se fizeram ante-hontem, mas todas no districto de Lisboa.

O sr. Bazilio Cabral Teixeira de Queiroz parte ámanhã para Coimbra a exercer alli as funcções de governador civil, para as quaes foi ha pouco nomeado.

Foram exonerados do lugar de administrador do concelho de Macieira de Cambra o sr. Jacintho Augusto da Silva Santhiago e de Cezimbra o sr. Manoel Caldeira da Costa. Para o primeiro lugar foi nomeado o sr. José Gomes de Almeida e para o segundo o sr. Francisco de Sá Nogueira.

O sr. Joaquim Gaudencio Pacheco Rodrigues de Miranda foi exonerado do lugar de administrador do concelho de Val Passos e nomeado para este cargo o sr. Francisco Antonio de Moraes Pimentel.

O sr. Joaquim José Augusto Monteiro, administrador do concelho de Mondim de Basto, foi tranferido para igual cargo no concelho de Chaves, e foi nomeado para Mondim de Basto o sr. João Manoel Teixeira da Silva.

* *

Barra de Aveiro

Em 9 de outubro não sahiu embarcação alguma.

Entradas em 8

PORTO. — Hiate port. «Bragança», m. J. P. Neves ; lastro.

Não sahiu embarcação alguma.

Publicações Litterarias

OTTILIA

Lenda de uma alma triste

POR
D. José Guell y Renté trad. por Francisco M. Henriques de Carvalho.

Acaba de publicar-se este interessante romance, que forma um bello volume de 180 paginas.

Vende-se nas principaes livrarias do paiz.

Comedias Modernas

(Em um acto)

Os «Amores d'um Marinheiro» 100 rs. — «Quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle» 160 rs. — «Por causa d'um clarinete» 120 rs. — «Furto abençoado» 120 rs. — «Nem um nem outro» 100 rs. — «Como se domam as féras» 100 rs.

São remettidas para as provincias a quem enviar o seu importe em estampilhas ou sellos á livraria de J. J. Bordalo rua Augusta n.º 24 e 26. (O porte é franco).

Além d'estas comedias ha outras muitas, dramas, e bonitas scenas comicas, cujo catalogo com seus titulos e preços se dá gratis a quem comprar qualquer comedia, ou é remettido para as provincias a quem enviar um sello de 20 réis em carta fechada á loja acima mencionada. Além d'este catalogo ha outros de defferentes livros scientificos, de missa, e Semana Santa, de romances, poesias, albuns, retractos para os mesmos, carteiras de lembranças, etc.

O PANORAMA

Semanario de litteratura e instrucção

Publicou-se o 37.º numero do 3.º volume da 5.ª serie, contendo varios atiigos e adornado com duas gravuras, a 1.ª Palacio em Hollahabad e a 2.ª Ruinas do silencio. — E bem assim 38 que contém varios artigos e egualmente adornado de duas gravuras, sendo a 1.ª Pouzzol, vista da Ponte de Caligula e a 2.ª Interior da Cathedral d'Auch.

Subscreve-se no escriptorio, typographia Franco-Portugueza, rua do Thesouro Velho n.º 6 — Lisboa, onde deve ser dirigida toda a correspondencia, subscrita ao administrador desta folha — *Miguel Soares Monteiro.*

Assignatura por anno.........1$300 réis
Estampilhado......1$560 »
« Semestre.......... $650 »
« Estampilhado...... $780 »

RACHEL E DANIEL

OU

O ENXOTA-CÃES

VULGO
O SACRISTÃO DE PENAMACOR
Parodia ou imitação em 3 actos e 4 quadros ao mysterio

SANTO ANTONIO

Editores : — A. Joaquim Duarte Junior e Manuel Pinto Alves.

Publicar-se-ha opportunamente esta obra comico-dramatica

ASSIGNATURA

Para o Porto.......... 240 réis
Para as provincias...... 300 réis

N. B. Recebem-se assignaturas na typographia d'este jornal.

A CRUZ

Semanario Religioso

Expressamente creado para a publicação de todos os decretos do episcopado. Preco por anno ou 52 n.ᵒˢ 1$800

Assigna-se em Aveiro na livraria de João da Silva Mello Guimarães e no Porto na de Viuva Moré.

Annuncios

Da parte do sr. presidente da direcção d'Associação Aveirense de Soccorros Mutuos das Classes Laboriosas, são prevenidos todos os socios, de que os facultativos d'Associação são os illm.ᵒˢ srs. João Maria Regalla e Luiz Augusto da Fonseca Regalla, de quem só serão approvadas as receitas, nas pharmacias d'Associação,

Aveiro e secretaria da direcção, 6 de outubro de 1868.

O secretario interino da direcção
Bernardo Antonio da Graça.

Aviso

Por ordem do ex.ᵐᵒ sr. vigario geral d'esta dioceze se faz publico que de ora em diante as partes, que tiverem que requerer ao mesmo senhor, deverão lançar os os seus requerimentos na respectiva caixa até ás 10 horas da manhã de todos os dias uteis, e procurar os despachos d'essa hora até á uma da tarde.

Aveiro, 12 d'outubro de 1868.

O Chanceler do Bispado,
Manoel Ferreira Pinto de Sousa.
283

TINTA NOVA DE ESCREVER

do chimico E. MATHIEU-PLESSY

Premiado com cinco medalhas e com a condecoração e a legião de honra, nas expoições de Bordeaux, Londres e Pariz.

Esta tinta tem as seguintes e principaes qualidades :

Torna-se preta immediatamente : não deixa deposito no tinteiro; não se altera nunca; secca rapidamente; não cria bolor; e não enferruja nem estraga as pennas.

São estas as excellentes qualidades da TINTA NOVA, que tem sido muito elogiada em muitas folhas periodicas estrangeiras, e por muitas pessoas que a têem experimentado. As distincções que foram conferidas a mr. Mathieu-Plessy mostram evidentemente o quanto de apreciavel é esta tinta, e por isso desnecessario achamos inculcal-a. O seu preço é modico.

Unico deposito em Portugal, para vender por atacado, Barboas & C.ª, em Coimbra.

Paris 125, Boulevart Magenta.

COPAHINE
MÉGE

G. JOZEAU, FARMACEUTICO
125, boulevard Magenta, em PARIS.

Este medicamento, que mereceu os elogios da Academia Imperial de Medicina de Paris, em 1840, a recommendação dos medicos especiaes de PARIS e de LONDRES, he desde mais de 26 annos, o tratamento o mais **facil e agradavel** de todas as molestias contagiosas. Os doentes tomão-o sem **repugnancia** e achão-se **segurados** contra toda volta da molestia. — A firma e a marca de Fabrica podem-só garantil-o das imitaçoes **fraudulentas. Acha-se em todas as Pharmacias do Universo.**

ESPECTACULOS

THEATRO

DOS

ARTISTAS AVEIRENSES

RÉCITA DE CURIOSOS

Domingo, 18 de outubro

O hymno do trabalho — O meu casamento, comedia em 2 actos, ornada de *couplets* — A fidalga e a jardineira, comedia em 1 acto, com *couplets.*

Entrada ás 8 horas e meia

N. B. Os bilhetes acham-se na loja da exm.ª sr.ª D. Maria Bessa, á Costeira.

Responsavel — M. A. L. DE MESQUITA.

Typ. do **«Districto de Aveiro»**